



Imagem: Reginaldo Frazão
São Paulo-SP

Dir-se-á que esse sistema é difícil na prática. Observo que da parte dos alunos torna-se bastante mais fácil, agradável e vantajoso. Para o educador, encerra alguma dificuldade que, porém, diminuirá se ele se entregar com zelo à sua missão.

O educador é um indivíduo consagrado ao bem de seus alunos: por isso, deve estar pronto a enfrentar qualquer incômodo e cansaço, para conseguir o fim que tem em vista: a formação cívica, moral e científica dos seus alunos.

Sac. Fr. Bosco

*Das Constituições e Regulamentos
da Sociedade de São Francisco de Sales*



A pedagogia de Dom Bosco em seus escritos

A PEDAGOGIA DE DOM BOSCO em seus escritos



Sumário

O sonho dos 9 anos.....	5
O Sistema Preventivo na educação dos jovens	8
Carta de Dom Bosco sobre o estado do Oratório (Carta de Roma) ..	14
Circular sobre os castigos	23

Nessa idade tive um sonho,² que me ficou profundamente impresso na mente por toda a vida. Pareceu-me estar perto de casa, numa área bastante espaçosa, onde uma multidão de meninos estava a brincar. Alguns riam, outros divertiam-se, não poucos blasfemavam. Ao ouvir as blasfêmias, lancei-me de pronto no meio deles, tentando, com socos e palavras, fazê-los calar. Nesse momento apareceu um homem venerando, de aspecto varonil, nobremente vestido. Um manto branco cobria-lhe o corpo; seu rosto, porém, era tão luminoso que eu não conseguia fitá-lo. Chamou-me pelo nome e mandou que me pusesse à frente daqueles meninos, acrescentando estas palavras:

– Não é com pancadas, mas com a mansidão e a caridade que deverás ganhar esses teus amigos. Põe-te imediatamente a instruí-los sobre a fealdade do pecado e a preciosidade da virtude.

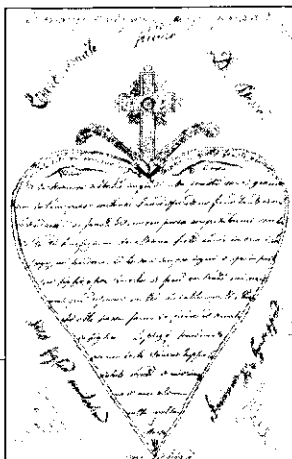
Confuso e assustado, repliquei que eu era um menino pobre e ignorante, incapaz de lhes falar de religião. Senão quando aqueles meninos, parando de brigar, de gritar e blasfemar, juntaram-se ao redor do personagem que estava a falar. Quase sem saber o que dizer, acrescentei:

– Quem sois vós que me ordenais coisas impossíveis?

– Justamente porque te parecem impossíveis, debes torná-las possíveis com a obediência e a aquisição da ciência.

– Onde, com que meios poderei adquirir a ciência?

– Eu te darei a mestra, sob cuja orientação poderás tornar-te sábio, e sem a qual toda sabedoria se converte em estultice.



Felicitações dirigidas por um aluno do Oratório ao seu querido e amado pai Dom Bosco.

¹ Cf. *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales*. São Paulo, Salesiana, 1982, p. 18-21.

² Escreve Lemoyne (MB I, p. 254-256): “A palavra sonho e Dom Bosco são correlativos. É deveras admirável a repetição desse fenômeno durante setenta anos (...). A bondade do Senhor serviu-se dos sonhos no Antigo e no Novo Testamento, bem como na vida de muitos santos, para confortar, aconselhar e mandar; através deles fez ouvir sua voz profética, ora de ameaça, ora de esperança, ora de prêmio para os indivíduos ou para as nações (...). A vida de Dom Bosco é uma trama de sonhos tão maravilhosos, que não se compreende sem a assistência divina direta. Fica, pois, de todo em todo excluída a idéia de que houvesse sido um estulto, um iludido, um enganador ou um vaidoso. Os que viveram a seu lado durante trinta, quarenta anos, jamais viram nele o menor sinal de querer conquistar o apreço dos seus, fazendo-se passar por um privilegiado com dotes sobrenaturais. Dom Bosco era humilde, e a humildade aborrece a mentira”.

– Mas quem sois vós que assim falais?

– Sou o filho daquela que tua mãe te ensinou a saudar três vezes ao dia.

– Minha mãe diz que sem sua licença não devo estar com gente que não conheço; dizei-me, pois, vosso nome.

– Pergunta-o a minha mãe.

Nesse momento vi a seu lado uma senhora de aspecto majestoso, vestida de um manto todo resplandecente, como se cada uma de suas partes fosse fulgidíssima estrela. Percebendo-me cada vez mais confuso em minhas perguntas e respostas, acenou para que me aproximasse e, tomando-me com bondade pela mão, disse:

– Olha.

Vi então que todos os meninos haviam fugido, e em lugar deles estava uma multidão de cabritos, cães, gatos, ursos e outros animais.

– Eis o teu campo, onde deves trabalhar. Torna-te humilde, forte, robusto; e o que agora vês acontecer a esses animais, deves fazê-lo aos meus filhos.

Tornei então a olhar, e em vez de animais ferozes apareceram mansos cordeirinhos que, saltitando e balindo, corriam ao redor daquele homem e daquela senhora, como a fazer-lhes festa.

Nesse ponto, sempre no sonho, desatei a chorar, e pedi que falassem de maneira que pudesse compreender, porque não sabia o que significava tudo aquilo. A senhora descansou a mão em minha cabeça, dizendo:

– A seu tempo tudo compreenderás.

Após essas palavras, um ruído qualquer me acordou, e tudo desapareceu.

Fiquei transtornado. Parecia-me ter as mãos doloridas pelos socos que desferia e doer-me o rosto pelos tapas recebidos; além disso, aquele personagem, a senhora, as coisas ditas e ouvidas de tal modo me encheram a cabeça que naquela noite não pude mais conciliar o sono.

De manhãzinha contei logo o sonho, primeiro aos meus irmãos, que se puseram a rir, depois à mamãe e à vovó. Cada um dava o seu palpite. O irmão José dizia: “Vais ser pastor de cabras, de ovelhas e de outros animais”. Mãe: “Quem sabe se um dia não serás sacerdote”. Antônio, secamente: “Chefe de bandidos, isto sim”. Mas a avó que, de todo analfabeta, entendia muito de teologia, deu a sentença definitiva: “Não se deve fazer caso dos sonhos”.

Eu era do parecer de minha avó, todavia não pude nunca tirar aquele sonho da minha cabeça. O que vou doravante expor dará a isso alguma explicação. Mantive-me sempre calado; meus parentes não lhe deram importância. Mas quando, em 1858, fui a Roma para falar com o Papa sobre a Congregação Salesiana, ele me fez contar pormenorizadamente tudo quanto tivesse ainda que só a aparência de sobrenatural. Contei então pela primeira vez o sonho que tive na idade de 9 a 10 anos. O Papa mandou-me escrevê-lo literalmente e com pormenores, e deixá-lo como estímulo aos filhos da Congregação, a qual era precisamente o objetivo de minha viagem a Roma.

O SISTEMA PREVENTIVO NA EDUCAÇÃO DOS JOVENS³

Fui instado várias vezes a expressar, verbalmente ou por escrito, o meu pensamento sobre o chamado Sistema Preventivo, que se costuma praticar em nossas casas. Por falta de tempo, não pude ainda satisfazer esse desejo. Querendo agora imprimir o Regulamento, que até hoje tem sido usado sempre tradicionalmente entre nós, julgo oportuno expor aqui um rápido esboço. Isso será como o índice de um opúsculo que estou elaborando, se Deus me der vida para levá-lo a termo. Move-me a isso apenas a vontade de colaborar na difícil arte da educação juvenil. Direi, portanto, em que consiste o Sistema Preventivo, e por que se deve preferir; sua aplicação prática e vantagens.

1. Em que consiste o Sistema Preventivo e por que se deve preferir

São dois os sistemas até hoje usados na educação da juventude: o Preventivo e o Repressivo. O Sistema Repressivo consiste em fazer que os súbditos conheçam a lei, e depois vigiar para saber os seus transgressores e infligir-lhes, quando necessário, o merecido castigo. Nesse sistema, as palavras e o semblante do superior devem constantemente ser severos e até ameaçadores, e ele próprio deve evitar toda a familiaridade com os dependentes. O diretor, para dar mais prestígio à sua autoridade, raro deverá achar-se entre os dependentes e quase unicamente quando se trata de ameaçar ou punir. Esse sistema é fácil, menos trabalhoso. Serve especialmente para soldados e, em geral, para pessoas adultas e sensatas, que devem, por si mesmas, estar em condições de saber e lembrar o que é conforme às leis e outras prescrições.

Diferente e, eu diria, oposto é o Sistema Preventivo. Consiste em tornar conhecidas as prescrições e as regras de uma instituição, e depois vigiar de modo que os alunos estejam sempre sob os olhares atentos do diretor ou dos assistentes. Estes, como pais carinhosos, falem, sirvam de guia em todas as circunstâncias, dêem conselhos e corrijam com bondade. Consiste, pois, em colocar os alunos na impossibilidade de cometerem faltas.

O sistema apóia-se todo inteiro na razão, na religião e na bondade. Exclui, por isso, todo o castigo violento, e procura evitar até as punições leves. Parece preferível pelas seguintes razões:

1. O aluno, previamente avisado, não fica abatido pelas faltas cometidas, como sucede quando são levadas ao conhecimento do superior. Não se irrita pela correção feita nem pelo castigo ameaçado, ou mesmo infligido, pois a punição contém em si um aviso amigável e preventivo que o leva a refletir e, as mais das vezes, consegue granjear-lhe o coração. Assim o aluno reconhece a necessidade do castigo e quase o deseja.
2. A razão mais essencial é a volubilidade do menino, que num instante esquece as regras disciplinares e o castigo que ameaçam. Por isso é que, amiúde, se torna um menino culpado e merecedor de uma pena em que nunca pensou, e de que absolutamente não se lembrava no momento da falta cometida, e que teria por certo evitado, se uma voz amiga o tivesse advertido.
3. O Sistema Repressivo pode impedir uma desordem, mas dificilmente melhorará os culpados. Diz a experiência que os jovens não esquecem os castigos recebidos, e geralmente conservam ressentimento acompanhado do desejo de sacudir o jugo e até de tirar vingança. Podem, às vezes, parecer indiferentes; mas quem lhes segue os passos sabe quão terríveis são as reminiscências da juventude. Esquecem facilmente os castigos que recebem dos pais; muito dificilmente, porém, os dos educadores. Há casos de alguns que na velhice se vingaram com brutalidade de castigos justos que receberam nos anos de sua educação. O Sistema Preventivo, pelo contrário, granjeia a amizade do menino, que vê no assistente um benfeitor que o adverte, quer fazê-lo bom, livrá-lo de dissabores, castigos e desonra.
4. O Sistema Preventivo predispõe e persuade de tal maneira o aluno, que o educador poderá em qualquer lance falar-lhe com a linguagem do coração, quer no tempo da educação, quer ao depois. Conquistado o ânimo do discípulo, poderá o educador exercer sobre ele grande influência, avisá-lo, aconselhá-lo, e também corrigi-lo, mesmo quando já colocado em qualquer trabalho ou emprego público, ou no comércio. Por essas e muitas outras razões, parece que o Sistema Preventivo deve preferir-se ao Repressivo.

2. Aplicação do Sistema Preventivo

A prática desse sistema baseia-se toda nas palavras de São Paulo: "*Charitas benigna est, patiens est; omnia suffert, omnia sperat, omnia sustinet*" (A caridade é

³ *Regolamento per le case della Società di San Francesco di Sales*. Torino, Tipografia Salesiana, 1877, p. 3-13; OE XXXIX, 99-109. (Transcrito de *Constituições e Regulamentos da Sociedade de São Francisco de Sales*. 2ª edição [2003], p. 266-274.)

benigna e paciente; tudo sofre, mas espera tudo e suporta qualquer incômodo). Por isso, somente o cristão pode aplicar com êxito o Sistema Preventivo. Razão e Religião são os instrumentos de que o educador deve servir-se; deve inculcá-los, praticá-los ele mesmo, se quiser ser obedecido e alcançar os resultados que deseja.

1. Deve, pois, o diretor consagrar-se totalmente aos seus educandos: jamais assuma compromissos que o afastem das suas funções. Pelo contrário, permaneça sempre com seus alunos, todas as vezes que não estiverem regularmente ocupados, salvo estejam por outros devidamente assistidos.
2. A moralidade dos professores, mestres de oficina, assistentes, deve ser notória. Esforcem-se eles por evitar, como epidemia, toda a sorte de afeições ou amizades sensíveis com os alunos, e lembrem-se de que o descaminho de um só pode comprometer um instituto educativo. Veja-se que os alunos não fiquem jamais sozinhos. Porquanto possível, os assistentes sejam os primeiros em achar-se no lugar onde os alunos devem reunir-se; entretenham-se com eles enquanto não vier um substituto; nunca os deixem desocupados.
3. Dê-se ampla liberdade de correr, pular e gritar, à vontade. Os exercícios ginásticos e desportivos, a música, a declamação, o teatro, os passeios, são meios efficacíssimos para se alcançar a disciplina, favorecer a moralidade e conservar a saúde. Mas haja cuidado em que a matéria das diversões, as pessoas que tomam parte, as falas, não sejam repreensíveis. “Fazei quanto quiserdes”, dizia o grande amigo da juventude, São Filipe Néri, “a mim me basta não cometais pecados”.
4. A confissão freqüente, a comunhão freqüente e a missa cotidiana são as colunas que devem sustentar um edifício educativo, do qual se queira eliminar a ameaça e a vara. Nunca se obriguem os jovens a freqüentar os santos sacramentos: basta encorajá-los e dar-lhes comodidade de se aproveitarem deles. Nos exercícios espirituais, tríduos, novenas, pregações, catecismos, ponha-se em relevo a beleza, a sublimidade, a santidade da Religião, que oferece meios tão fáceis, tão úteis à sociedade civil, à paz do coração, à salvação da alma, como são precisamente os santos sacramentos. Dessa maneira, estimulam-se os meninos a querer, espontaneamente, essas práticas de piedade; haverão de cumpri-las de boa vontade, com prazer e fruto.
5. Use-se a máxima vigilância para impedir que entrem no instituto companheiros, livros ou pessoas que tenham más conversas. A escolha de um bom porteiro é um tesouro para uma casa de educação.

6. Todas as noites, após as orações de costume e antes que os alunos se recolham, o diretor, ou quem por ele, dirija em público algumas afetuosas palavras, dando algum aviso ou conselho sobre o que convém fazer ou evitar. Tire-se a lição moral de acontecimentos do dia, sucedidos em casa ou fora; mas a sua alocução não deve passar de dois ou três minutos. Essa é a chave da moralidade, do bom andamento e do bom êxito da educação.
7. Afaste-se como a peste a opinião dos que pretendem diferir a primeira comunhão para uma idade demasiado adiantada, quando em geral o demônio já se apossou do coração dos meninos, com incalculável dano da sua inocência. Conforme a disciplina da Igreja primitiva, costumava dar-se às crianças as hóstias consagradas que sobravam da comunhão pascal. Isso demonstra quanto preza a Igreja sejam os meninos admitidos mais cedo à santa comunhão. Quando uma criança pode distinguir entre Pão e pão, e revela instrução suficiente, já não se olhe para a idade, e venha o Soberano Celeste reinar nessa alma abençoada.
8. Os catecismos recomendam a comunhão freqüente: São Filipe Néri aconselhava-a cada oito dias e ainda mais amiúde. O Concílio Tridentino diz claro que deseja sumamente que todos os fiéis, quando ouvem a santa Missa, façam também a comunhão. Porém seja a comunhão não só espiritual, mas ainda sacramental, a fim de que se tire maior fruto desse augusto e divino sacrifício (*Concílio Tridentino*, Sess. XXII, capítulo VI).

3. Utilidade do Sistema Preventivo

Dir-se-á que esse sistema é difícil na prática. Observo que da parte dos alunos torna-se bastante mais fácil, agradável e vantajoso. Para o educador, encerra alguma dificuldade que, porém, diminuirá se ele se entregar com zelo à sua missão. O educador é um indivíduo consagrado ao bem de seus alunos: por isso, deve estar pronto a enfrentar qualquer incômodo e cansaço, para conseguir o fim que tem em vista: a formação cívica, moral e científica dos seus alunos.

Além das vantagens acima expostas, acrescenta-se ainda o seguinte:

1. O aluno conservará sempre grande respeito para com o educador e lembrará com gosto a educação recebida e considerará ainda os seus mestres e demais superiores como pais e irmãos. Esses alunos, nos lugares para onde forem, serão, as mais das vezes, o consolo da família, cidadãos prestimosos e bons cristãos.

2. Qualquer que seja o caráter, a índole, o estado moral do aluno ao ser admitido, podem os pais viver seguros de que seu filho não vai piorar, e considera-se como certo que se alcançará sempre alguma melhora. Antes, meninos houve que depois de terem sido por muito tempo o flagelo dos pais, e, até, rejeitados pelas casas de correção, educados segundo esses princípios, mudaram de índole e caráter, deram-se a uma vida morigerada, e presentemente ocupam posição distinta na sociedade, tornando-se, desse modo, o amparo da família e honra do lugar em que moram.
3. Os alunos que por acaso entrassem num instituto com maus hábitos, não podem prejudicar os seus companheiros. Nem os meninos bons poderão ser por eles contaminados, porque não haveria tempo, nem lugar, nem ocasião, pois o assistente, que supomos presente, logo lhes acudiria.

4. Uma palavra sobre os castigos

Que norma seguir para dar castigos? Por quanto possível, jamais se faça uso de castigos. Quando, porém, a necessidade o exige, observe-se quanto segue:

1. O educador entre os alunos procure fazer-se amar, se quer fazer-se respeitar. Nesse caso, a subtração da benevolência é um castigo que desperta emulação, infunde coragem sem deprimir.
2. Entre os meninos é castigo o que se faz passar por castigo. Observou-se que um olhar não amável produz para alguns maior efeito que uma bofetada. O elogio quando uma ação é bem-feita, a repreensão quando há desleixo, é já um prêmio ou castigo.
3. Salvo raríssimos casos, as correções, os castigos, nunca se dêem em público, mas em particular, longe dos companheiros, e empregue-se a máxima prudência e paciência para que o aluno compreenda a sua falta à luz da razão e da religião.
4. Bater, de qualquer modo que seja, pôr de joelhos em posição dolorosa, puxar orelhas e outros castigos semelhantes, devem-se absolutamente banir, porque são proibidos pelas leis civis, irritam sobremaneira os jovens e desmoralizam o educador.
5. Torne o diretor bem conhecidas as regras, os prêmios e os castigos sancionados pelas leis disciplinares, a fim de que o aluno não possa desculpar-se dizendo: "Eu não sabia que isso era mandado ou proibido".

Se em nossas casas se puser em prática este sistema, creio poderemos alcançar grande resultado, sem recorrermos a pancadarias, nem a outros castigos violentos. Há quarenta anos, mais ou menos, que trato com a juventude, não me lembra ter usado castigo de espécie alguma. Com o auxílio de Deus, não só obrive sempre o que era de dever, mas ainda o que eu simplesmente desejava, e isso daqueles mesmos meninos dos quais se havia perdido a esperança de bom resultado.

CARTA DE DOM BOSCO SOBRE O ESTADO DO ORATÓRIO (Carta de Roma)⁴

Meus caríssimos filhos em Jesus Cristo,

Perto ou longe, eu penso sempre em vós. Meu único desejo é ver-vos felizes no tempo e na eternidade. Esse pensamento e esse desejo é que me levaram a escrever-vos esta carta. Sinto, meus caros, o peso do afastamento, e o fato de não vos ver nem ouvir me aflige como não podeis imaginar. Desejaria por isso escrever-vos estas linhas há uma semana, mas as contínuas ocupações me impediram. Todavia, embora falem poucos dias para minha volta, quero antecipar minha chegada ao menos por carta, já que não posso fazê-lo pessoalmente. São palavras de quem vos ama carinhosamente em Jesus Cristo e tem obrigação de falar-vos com a liberdade de um pai. Haveis de permiti-lo, não é verdade? E me prestareis atenção e poreis em prática o que vou dizer-vos.

Afiniei que sois o único e contínuo pensamento de minha mente. Ora, numa das noites passadas, havia-me recolhido ao quarto, e, enquanto me dispunha a repousar, tinha começado a rezar as orações que minha boa mãe me ensinou. Nesse momento, não sei bem se dominado pelo sono ou fora de mim por uma distração, pareceu-me ver dois dos antigos jovens do Oratório virem ao meu encontro.

Um deles aproximou-se e saudando-me afetuosamente me disse:

– Dom Bosco, não me conhece?

– Se te conheço – respondi.

– E lembra-se ainda de mim? – acrescentou o homem.

– De ti e de todos os outros. És Valfrè e estavas no Oratório antes de 1870.

– Diga – continuou Valfrè –, quer ver os jovens que estavam no Oratório no meu tempo?

– Sim, mostra-me – respondi –, isso vai dar-me grande prazer.

Então Valfrè mostrou-me todos os jovens com o mesmo semblante, estatura e idade daquele tempo. Parecia-me estar no antigo Oratório na hora do recreio. Era

uma cena cheia de vida, movimento, alegria. Quem corria, quem pulava, quem fazia pular. Aqui brincava-se de ra, de barra, ou com bola. Num lugar uma roda de jovens pendia dos lábios de um padre, que lhes contava uma história. Noutro, um clérigo no meio de outros meninos brincava de *burro voa* e de *jerônimo*. Cantava-se, ria-se por todos os cantos e em toda parte encontravam-se padres e clérigos, e ao redor deles jovens brincando e gritando alegremente. Via-se que entre jovens e superiores reinava a maior cordialidade e confiança. Eu estava encantado com o espetáculo. Valfrè me disse então:

– Veja, a familiaridade gera o afeto e o afeto produz confiança. Isso é que abre os corações, e os jovens manifestam tudo sem temor aos mestres, assistentes e superiores. Tornam-se sinceros na confissão e fora da confissão e se prestam docilmente a tudo o que porventura lhes mandar aquele de quem têm certeza de serem amados.

Nesse instante aproximou-se de mim o outro ex-aluno, de barba toda branca, e me disse:

– Dom Bosco, quer conhecer e ver agora os jovens que atualmente estão no Oratório? – era José Buzzetti.

– Sim, respondi, porque há já um mês que não os vejo!

E apontou-os para mim: vi o Oratório e todos vós no recreio. Mas já não ouvia gritos de alegria e cantos, não via o movimento e a vida da cena anterior.

Nos modos e nos rostos de muitos jovens lia-se enfado, cansaço, mau humor, desconfiança que me fazia sofrer o coração. Vi, é verdade, muitos a correr, brincar, agitar-se, com feliz despreocupação, mas muitos outros estavam sós, encostados às colunas, dominados por pensamentos desalentadores; encontravam-se outros pelas escadas e nos corredores ou na sacada perto do jardim para evitar o recreio comum; outros passeavam lentamente em grupos falando em voz baixa, lançando ao redor olhares desconfiados e maliciosos. Sorriam de vez em quando, mas com um sorriso acompanhado de olhares que faziam suspeitar e até mesmo acreditar que São Luís haveria de corar se andasse em tal companhia; mesmo entre os que brincavam alguns havia tão enfarados, que mostravam claramente não achar nenhum gosto nos divertimentos.

– Viu seus jovens? – perguntou-me o ex-aluno.

– Vejo-os – respondi suspirando.

– Como são diferentes do que éramos nós em nosso tempo! – exclamou o ex-aluno.

⁴ *Atti del Capitolo Superiore della Pia Società Salesiana* 1 (1929) n. 1, 24 de maio, p. 40-48. (Transcrito de *Constituições e Regulamentos da Sociedade de São Francisco de Sales*. São Paulo, 2ª edição [2003], p. 275-287.)

– É pena! Quanta falta de vontade nesse recreio!

– De aí é que vem a frieza de tantos meninos na frequência dos santos Sacramentos, o desleixo das práticas de piedade na igreja e fora; o estar de má vontade num lugar onde a Divina Providência os cumula de todo bem para o corpo, para a alma, para a inteligência. De aí não corresponderem muitos à sua vocação; de aí a ingratidão para com os superiores; de aí os segredinhos e as murmurações, com todas as demais deploráveis conseqüências.

– Compreendo, entendo – respondi. – Mas como reanimar estes meus caros jovens, para que retomem a antiga vivacidade, alegria, expansão?

– Com o amor!

– Com o amor? Mas os meus jovens não são bastante amados? Sabes quanto os amo. Sabes quanto por eles sofri e tolerei no decorrer de bem quarenta anos, e quanto suporto e soffro mesmo agora. Quantas privações, quantas humilhações, quantas oposições, quantas perseguições para dar-lhes pão, casa, professores e especialmente para garantir-lhes a salvação da alma. Fiz tudo quanto soube e pude por eles, que são o amor de toda a minha vida.

– Não falo do senhor!

– De quem então? Dos que me fazem as vezes? Dos diretores, prefeitos, professores, assistentes? Não vês como são mártires do estudo e do trabalho? Como consomem sua juventude por aqueles que a Divina Providência lhes confiou?

– Vejo, sei perfeitamente; mas isso não basta. Falta o melhor.

– Que é que falta, então?

– Que os jovens não somente sejam amados, mas que eles próprios saibam que são amados.

– Mas, afinal, não têm olhos? Não têm a luz da inteligência? Não vêem que tudo o que por eles se faz é por amor deles?

– Não, repito, isso não basta.

– Que é preciso, então?

– Que sendo amados nas coisas que lhes agradam, com participar em suas inclinações infantis, aprendam a ver o amor nas coisas que naturalmente pouco lhes agradam, como a disciplina, o estudo, a mortificação de si mesmos; e aprendam a fazer essas coisas com entusiasmo e amor.

– Explica-te melhor.

– Observe os jovens no recreio.

Observei e respondi:

– E que há de especial para ver?

– Há já tantos anos que vive a educar os jovens e não entende? Olhe melhor! Onde estão os nossos salesianos?

Observei e vi que bem poucos padres e clérigos se misturavam com os jovens e bem menos ainda eram os que tomavam parte em seus divertimentos. Os superiores já não eram a alma do recreio. A maior parte deles passeava conversando entre si, sem ligar ao que faziam os alunos; outros olhavam o recreio sem se preocuparem absolutamente com os jovens; outros vigiavam, mas tão de longe que não poderiam perceber se os jovens cometiam alguma falta; um ou outro avisava, mas em atitude ameaçadora e bem de raro. Ainda havia um ou outro salesiano que gostaria de intrometer-se no meio dos jovens; vi, porém, que estes procuravam propositalmente afastar-se dos professores e superiores.

Então meu amigo continuou:

– Nos velhos tempos do Oratório o senhor não estava sempre no meio dos jovens, especialmente na hora do recreio? Lembra aqueles belos anos? Era um santo alvoroço, um tempo que lembramos sempre com saudade, porque o afeto é que nos servia de regra, e nós não tínhamos segredos para o senhor.

– Certamente. Tudo então era alegria para mim. Os jovens corriam ao meu encontro, para falar-me; ansiavam por ouvir meus conselhos e pô-los em prática. Vês, porém, que agora as contínuas audiências, os muitos afazeres e minha saúde não o permitem.

– Está bem, mas se o senhor não pode, por que seus salesianos não o imitam? Por que não insiste, não exige que tratem os jovens como o senhor os tratava?

– Eu falo, canso-me de falar, entretanto muitos não se sentem dispostos a enfrentar os trabalhos como outrora.

– E então descuidando o menos, perdem o mais, e esse “mais” são seus trabalhos. Amem o que agrada aos jovens e os jovens amarão o que aos superiores agrada. E assim ser-lhes-á fácil o trabalho. A causa da mudança atual no Oratório é que bom número de jovens não tem confiança nos superiores. Antigamente os corações estavam todos abertos aos superiores, a quem os jovens amavam e obedeciam prontamente. Mas agora os superiores são considerados como superiores e não como pais, irmãos e amigos; são pois temidos e pouco amados.

Por isso, se se quiser formar um só coração e uma só alma, é preciso que por amor de Jesus se rompa a barreira fatal da desconfiança e se lhe substitua uma confiança cordial. Guie pois a obediência o aluno como a mãe guia o filhinho; reinará então no Oratório a paz e a antiga alegria.

– Como fazer então para romper a barreira?

– Familiaridade com os jovens especialmente no recreio. Sem familiaridade não se demonstra afeto e sem essa demonstração não pode haver confiança. Quem quer ser amado deve demonstrar que ama. Jesus Cristo fez-se pequeno com os pequenos e carregou as nossas fraquezas. Aí está o mestre da familiaridade! O professor visto apenas na cátedra é professor e nada mais, mas se está no recreio com os jovens torna-se irmão.

Se alguém é visto somente a pregar do púlpito, dir-se-á que está fazendo apenas o próprio dever; mas se diz uma palavra no recreio, é palavra de alguém que ama. Quantas conversões não provocaram algumas palavras suas ditas ocasionalmente aos ouvidos de um jovem enquanto brincava! Quem sabe que é amado, ama; e quem é amado alcança tudo, especialmente dos jovens. A confiança estabelece uma corrente elétrica entre jovens e superiores. Os corações se abrem e dão a conhecer suas necessidades e manifestam seus defeitos. Esse amor faz os superiores suportarem cansaças, aborrecimentos, ingratidões, desordens, faltas e negligências dos meninos. Jesus Cristo não quebrou a cana já partida, nem apagou a mecha que fumeja. Eis vosso modelo. Então não se verá ninguém mais trabalhar apenas por vanglória; punir somente para satisfazer o amor próprio ofendido, retirar-se do campo da vigilância tão-somente por ciúme de temida preponderância alheia; murmurar dos outros querendo ser amado e estimado pelos jovens, com exclusão de todos os demais superiores, ganhando nada mais que desprezo e falsas manifestações de carinho; deixar-se roubar o coração por uma criatura e, para fazer-lhe corte, descuidar todos os outros meninos; por amor da própria comodidade julgar de somenos importância o dever importantíssimo da vigilância; por vão respeito humano deixar de advertir quem deve ser advertido. Se houver esse verdadeiro amor, não se haverá de procurar senão a glória de Deus e a salvação das almas. Se vier a definhar, então é que as coisas já não vão bem. Por que se quer substituir à caridade a frieza de um regulamento? Por que se afastam os superiores da maneira de educar que Dom Bosco ensinou? Por que ao sistema de prevenir com a vigilância e amorosamente as desordens, se vai substituindo pouco a pouco o sistema, menos pesado e mais cômodo para quem manda, de impor leis que se mantêm com castigos, acendem ódios e geram desgostos, e se não se cuida de as fazer observar, geram desprezo aos superiores e causam gravíssimas desordens?

É o que acontece necessariamente se faltar a familiaridade. Se se quiser, pois, que o Oratório volte à antiga felicidade, reponha-se em vigor o antigo sistema: o superior seja tudo para todos, sempre disposto a ouvir qualquer dúvida ou queixa dos jovens, todo olhos para vigiar-lhes paternamente a conduta, todo coração para procurar o bem espiritual e temporal dos que a Providência lhe confiou.

Então, já não haverá corações fechados e não se alastrarão mais certos segredinhos que acabam matando. Somente em caso de imoralidade os superiores sejam inexoráveis. É melhor correr perigo de expulsar de casa um inocente, que conservar um escandaloso. Os assistentes considerem gravíssimo dever de consciência relatar aos superiores tudo o que souberem ser de algum modo ofensa de Deus.

Então indaguei:

– Qual é o meio mais indicado para que reine essa familiaridade, esse amor e confiança?

– A observância exata das Regras da casa.

– E nada mais?

– O melhor prato de um jantar é o bom humor.

Enquanto meu antigo aluno acabava de falar e eu continuava a observar com vivo desprazer o recreio, pouco a pouco senti-me abatido por grande cansaça, que ia crescendo cada vez mais. E chegou a tal ponto que não podendo mais resistir, estremei e acordei.

Encontrei-me de pé junto à cama. As pernas estavam tão inchadas e me doíam tanto que não podia ficar de pé. A hora já ia muito adiantada, de modo que me deitei resolvido a escrever estas linhas a meus filhos.

Desejo não ter sonhos assim, porque me cansam demais. No dia seguinte sentia-me todo moído e não via a hora de descansar na próxima noite. Eis, porém, que, apenas me deitei, o sonho recomeçou. Reaparecem o pátio, os jovens que atualmente estão no Oratório e o mesmo aluno do Oratório. Comecei a interrogá-lo:

– Comunicarei aos salesianos o que me disseste; mas que devo dizer aos jovens do Oratório?

Respondeu-me:

– Que reconheçam quanto os superiores, mestres e assistentes trabalham e estudam por amor deles, pois se não fosse pelo bem deles não haviam de sujeitar-se a

tantos sacrifícios; que se lembrem ser a humildade a fonte de toda tranquilidade; que saibam suportar os defeitos dos outros, porque a perfeição não é deste mundo, mas somente do paraíso; que deixem de murmurar, porque as murmurações esfriam os corações; e sobretudo que procurem viver na santa graça de Deus. Quem não tem paz com Deus, não tem paz nem consigo nem com os outros.

– Queres dizer então que há entre meus jovens alguns que não estão em paz com Deus?

– Entre as causas do mal-estar que Dom Bosco conhece, e não vou recordar agora, e às quais deve pôr remédio, esta é a principal. Com efeito, não desconfia senão quem tem segredos a guardar, senão quem teme que tais segredos venham a ser conhecidos, porque sabe que isso lhes traria vergonha e desgraça. Ao mesmo tempo se o coração não está em paz com Deus, fica angustiado, irrequieto, rebelde à obediência, irrita-se por um nada, parece-lhe que tudo vai mal, e por não ter amor, julga que os superiores não o amam.

– Entretanto, meu caro, não vês quanta frequência de confissões e comunhões há no Oratório?

– É verdade que é grande a frequência das confissões, mas o que falta *radicalmente* em muitos meninos que se confessam é a firmeza nos propósitos. Confessam-se, mas sempre das mesmas faltas, das mesmas ocasiões próximas, dos mesmos maus hábitos, das mesmas desobediências, das mesmas transgressões dos deveres. E vai-se para a frente meses e meses, e também por vários anos, e alguns chegam assim até o fim do curso secundário. São confissões que pouco ou nada valem; conseqüentemente não trazem a paz. Se o menino fosse chamado nesse estado ao tribunal de Deus, que desgraça não seria.

– E há muitos assim no Oratório?

– Poucos, em comparação com o grande número de jovens que se encontram na casa. Veja. E apontava.

Olhei e vi os tais jovens um por um. Nesses poucos, porém, vi coisas que me amarguraram profundamente o coração. Não quero pô-las no papel, mas quando voltar quero contar a cada um dos interessados. Aqui apenas vos direi que é tempo de rezar e de tomar firmes resoluções: tomar propósitos não com palavras, mas com fatos, e demonstrar que os Comolos, os Domingos Sávios, os Besuccos e os Saccardis ainda vivem entre nós.

Perguntei por fim ao meu amigo:

– Não tens mais nada a dizer-me?

– Pegue a todos, grandes e pequenos, que se lembrem sempre de Maria Santíssima Auxiliadora. Que ela os reúna aqui para tirá-los dos perigos do mundo, para que se amassem como irmãos, e para que dessem glória a Deus e a ela, com o bom procedimento; que é Nossa Senhora que lhes providencia pão e meios para estudar mediante graças e portentos. Lembrem-se de que estão na vigília da festa de sua Mãe Santíssima, e com sua ajuda deve cair a barreira da desconfiança que o demônio soube erguer entre jovens e superiores, e da qual se aproveita para ruína de certas almas.

– E conseguiremos destruir essa barreira?

– Sim, certamente, contanto que grandes e pequenos estejam dispostos a sofrer alguma pequena mortificação por amor de Maria e ponham em prática o que eu disse.

Entretanto, eu continuava a olhar meus juvenzinhos, ante o espetáculo dos que via encaminhar-se para a eterna perdição senti tamanho aperto no coração que acordei. Muitas coisas importantíssimas que eu vi gostaria de contar-vos, mas o tempo e as conveniências não permitem.

Vou concluir. Sabeis o que desejo de vós este pobre velho, que gastou toda a vida por seus caros jovens? Nada mais do que, feitas as devidas proporções, retornem os dias felizes do Oratório primitivo. Os dias do afeto e da confiança cristã entre jovens e superiores; os dias do espírito de condescendência e tolerância por amor de Jesus Cristo de uns para com outros; os dias dos corações abertos com toda a simplicidade e candura; os dias da caridade e da verdadeira alegria para todos. Tenho necessidade de que me consoleis, dando-me a esperança e a promessa de que fareis tudo o que desejo para o bem de vossas almas. Não conheceis suficientemente que felicidade é a vossa de haverdes sido recebidos no Oratório. Diante de Deus declaro: Basta que um jovem entre numa casa salesiana, para que a Virgem Santíssima o tome imediatamente debaixo de sua especial proteção. Ponhamo-nos, pois, todos de acordo. A caridade dos que mandam, a caridade dos que devem obedecer faça reinar entre nós o espírito de São Francisco de Sales. Ó meus caros filhinhos, aproxima-se o tempo em que me verei separar de vós e partir para a minha eternidade. (*Nota do secretário:* Neste ponto Dom Bosco suspendeu o ditado; os olhos se lhe encheram de lágrimas, não por desgosto, mas por inefável ternura que ressumava de seu olhar e do tom de sua voz; depois de alguns instantes continuou.) Desejo, portanto, deixar-vos a todos, padres, clérigos, jovens caríssimos, no caminho do Senhor, em que Ele próprio vos deseje.

Para tal fim, o Santo Padre, que vi sexta-feira, 9 de maio, vos manda de todo o coração sua bênção. No dia da festa de Nossa Senhora Auxiliadora estarei convosco ante a imagem de nossa amorosíssima Mãe. Quero que essa grande festa se celebre com toda a solenidade, e o Pe. Lazzero e o Pe. Marchisio providenciem para que estejamos todos alegres também no refeitório. A festa de Maria Auxiliadora deve ser o prelúdio da festa eterna que deveremos celebrar um dia, todos juntos, no paraíso.

Vosso afetuosíssimo amigo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

CIRCULAR SOBRE OS CASTIGOS

Meus caros filhos,

Chegam-me, com frequência, de muitos lugares, pedidos insistentes, para que exponha aos diretores, ecônomos e mestres, algumas *normas* que os orientem nos casos delicados de ser preciso aplicar algum *castigo*. Vós bem sabeis em que tempos vivemos e que a mais pequena imprudência poderia trazer consigo gravíssimas conseqüências.

No desejo, portanto, de atender a tais pedidos e livrar-nos de não leves dissabores, e no desejo, ainda mais vivo, de que se alcance o maior bem possível em favor dos jovens, pela Divina Providência confiados aos nossos cuidados, quero apresentar-vos algumas diretrizes que muito vos poderão ajudar na santa e difícil obra da educação religiosa, moral e científica dos vossos alunos, se procurardes pô-las em prática, como espero.

O sistema tradicional entre nós é o chamado Sistema Preventivo, o qual consiste em dispor de tal maneira o ânimo dos *alunos que, sem nenhuma violência externa, se sintam inclinados a obedecer-nos*. Lembrai-vos que, segundo este sistema, são reprovadas as medidas coercitivas, às quais sempre e exclusivamente se devem preferir os meios da *persuasão e da caridade*.

Já que a natureza humana, demasiado propensa ao mal, tem por vezes de ser tratada com severidade, acho bem propor-vos alguns meios que, com o auxílio de Deus, espero vos conduzirão a um fim consolador. Antes de tudo, se queremos ser considerados como verdadeiros amigos do bem dos nossos alunos e levá-los a cumprir os seus deveres, importa ter sempre presente que *representamos os pais* desta querida juventude, que foi sempre o terno objetivo das minhas ocupações, dos meus cuidados, do meu ministério sacerdotal e da nossa Congregação Salesiana. Ora, para serdes verdadeiros pais dos vossos alunos, o vosso coração deve ser paterno e deveis evitar o uso irracional e injusto de *repreensão* ou do *castigo*. Se alguma vez tiverdes de castigar, seja como quem procede contrafeito e só levado pelo dever.

Vejamos quais os verdadeiros motivos que justificam as medidas *repressivas*, quais os castigos que se devem aplicar e por quem devem ser aplicados.

Nunca apliqueis castigo senão depois de esgotados todos os outros meios

Quantas vezes, meus caros filhos, através de uma longa prática educativa, tive de persuadir-me desta grande verdade! *É mais fácil*, sem dúvida, *ceder à ira*, do que exercitar a paciência: ameaçar uma criança, do que persuadi-la. *É mais cómodo* para a nossa impaciência e para nossa soberba *castigar* os que nos resistem do que corrigi-los: suportando-os com benigna firmeza.

A caridade que vos recomendo é a que usava *São Paulo* para com os fiéis recém-convertidos à Religião de Jesus Cristo, que muitas vezes o faziam chorar e lastimar-se quando via que não eram dóceis e não correspondiam ao seu zelo. Por isso, lembro a todos os diretores que se deve começar pela correção *paternal*, feita *em particular*, ou, como se costuma dizer, *in camera charitatis*.

Em público, nunca repreender ninguém a não ser para impedir ou reparar um escândalo.

Se depois da primeira admoestação não se notar melhoria alguma, é conveniente recorrer à mediação de outro superior que tenha sobre o culpado algum ascendente. E nunca nos esqueçamos de pedir as bênçãos de Deus.

Queria que o salesiano fosse como Moisés, na sua solicitude de aplacar o Senhor, justamente indignado contra Israel, seu povo escolhido.

Tenho verificado que raramente aproveita um castigo repentino e infligido antes de se empregarem outros meios. Não há nada, diz *São Gregório*, que melhor consiga render um coração, o qual se assemelha a uma cidade inexpugnável, do que o afeto e a doçura; sede firmes, na prossecução do bem e em impedir o mal. Mas ao mesmo tempo mansos e prudentes. Sede perseverantes e bondosos, e Deus vos tornará senhores até dos corações menos dóceis.

Bem sei que esta perfeição não é fácil encontrá-la nos mestres e assistentes, sobretudo novatos. Estes não se resignam a adotar os processos mais consentâneos à índole dos alunos, preferindo a aplicação de castigos físicos, que nada resolvem, ou uma atitude de indiferença perante a indisciplina.

Eis o motivo por que vemos muitas vezes alastrar o mal, e insinuar-se o descontentamento, mesmo entre os melhores, tornando-se nulo o resultado da correção.

Permiti que vos apresente, de novo, o exemplo da minha própria experiência. Deparei muitas vezes com feítos tão renitentes, e refratários à mais leve advertência, que já me não davam nenhuma esperança de emenda, e só se me afigurava inevitável o recurso a medidas severas. E, não obstante, consegui rendê-los à caridade.

Parecer-nos-á, não raro, que este ou aquele rapaz não tirará proveito da nossa correção, quando, afinal, no mais íntimo da sua alma, está admiravelmente disposto a secundar-nos.

Seria desastrosa a nossa ação, se usássemos dum mal-entendido rigor, pretendendo que o culpado se emendasse *imediate e seriamente* da sua falta. Dir-vos-ei antes de mais nada, que semelhante falta, para ele, talvez seja menos grave do que vós pensais, e que, se a cometeu, foi mais por irreflexão do que por maldade. Muitas vezes, tendo eu mandado chamar alguns destes *pequenos insurretos*, e havendo-lhes perguntado, com bons modos, por que se mostravam tão indóceis, a resposta foi que procediam assim por terem sido tomados de ponta, como se costuma dizer, ou por serem *perseguidos por este ou por aquele superior*. Informando-me depois, com calma, acerca do que se passara, pude verificar que a culpa diminuía consideravelmente e algumas vezes desaparecia quase por completo. Tenho de confessar, com tristeza, que na pouca submissão desses tais nós próprios não estávamos nunca isentos de responsabilidades. Verifiquei, muitas vezes, que os mais rigorosos em exigir dos seus alunos silêncio, exatidão, obediência pronta e cega, eram precisamente aqueles que nenhum caso faziam das salutares admoestações que eu e os demais superiores tínhamos por dever fazer-lhes. E tive de me convencer que os *professores mais intransigentes com os alunos são os menos severos para consigo mesmos*.

Por conseguinte, *se queremos saber mandar, temos primeiro de saber obedecer*, procurando impor-nos mais com o amor do que com o temor.

Quando, porém, se tornarem necessárias medidas *repressivas*, e conseqüentemente a mudança de sistema, uma vez que certas índoles só com o rigor se podem dominar, cumpre fazê-lo de tal maneira que não apareça o mínimo sinal de paixão.

Procurai escolher para a correção o momento oportuno

De acordo com o que diz o Espírito Santo, que “cada coisa tem o seu tempo”, diante de alguma destas dolorosas necessidades, impõe-se também uma grande prudência, sabendo escolher o momento propício.

É que as *doenças da alma* requerem, pelo menos, os mesmos cuidados que as do corpo. Nada mais perigoso que *um remédio mal aplicado* ou aplicado *fora do tempo*. Um médico prudente aguarda que o enfermo esteja em condições de se aproveitar dele, sabendo escolher o momento favorável. E nós só aprenderemos a agir de igual modo, através da experiência acompanhada de uma grande bondade.

É preciso, antes de mais nada, que estejais senhores de vós mesmos, e não haja o mínimo de mau humor ou mau gênio, aliás perderíeis a autoridade e o castigo tornar-se-ia nocivo.

É bem mais significativa a famosa observação de *Sócrates a um escravo*, com quem não estava satisfeito: *Se não estivesse irado, bater-te-ia*. Esses pequenos psicólogos, que são os nossos alunos, descobrem, à mais pequena e leve alteração do rosto ou da voz, se foi o zelo do dever ou do ardor da paixão que acendeu em nós aquele fogo. Neste último caso, não seria preciso mais nada para anular o fruto do castigo. Embora pequenos, eles descobrem e percebem muito bem que só a razão é que tem direito de os corrigir.

Em segundo lugar, *não castigueis* ninguém no *próprio instante* em que cometeu a falta, para que não suceda que, não podendo ainda confessar sua culpa, vencer a paixão e avaliar toda a importância do castigo, não se exaspere, vindo a cometer novas e mais graves faltas ainda.

É preciso dar-lhe tempo de refletir, de entrar em si, de medir o alcance do erro, e de sentir, então, que é justo e necessário o castigo. Só assim lhe aproveitará.

Sempre me impressionou a atitude do Senhor para com São Paulo, numa altura em que este se encontrava ainda *spirans irae atque minarum* (sob o império da ira e da violência) contra os cristãos. Parece-me ser esta a norma que devemos seguir sempre que estejamos diante de certos corações recalcitrantes contra a nossa vontade. Não é imediatamente que o bom Jesus o derruba, mas só depois de uma longa viagem, depois de lhe haver dado tempo de refletir sobre os seus atos, longe daqueles que poderiam incitá-lo a continuar na luta contra os cristãos. É só às portas de Damasco que se lhe manifesta com toda a sua autoridade e poder, e é unindo a força à mansidão que lhe abre a mente e lhe faz conhecer o erro em que labora. E foi precisamente neste momento que se operou a mudança no espírito de Paulo, passando de perseguidor de cristãos a Apóstolo das gentes e vaso de eleição.

Quisera eu que os meus caros salesianos se formassem à luz deste divino exemplo e que, cheios de paciência e de caridade industriosa, aguardassem, em nome de Deus, o *momento oportuno para corrigir os seus alunos*.

Afastai das vossas atitudes qualquer indício de paixão

Quando se castiga, é difícil manter a calma requerida para afastar a suspeita de que se age sob o impulso de fazer valer ou desafogar a paixão. É quanto mais

fortemente esta se faz sentir, menos se dá por isso. O coração paternal, que se nos pede, condena tal modo de proceder.

Consideremos *como filhos* aqueles sobre quem tenhamos de exercer alguma autoridade. Ponhamo-nos quase ao seu serviço, como Jesus, *que veio para obedecer* e não para mandar, evitando o mínimo assomo de prepotência.

Quanto mais inclinados nos sentirmos a dominá-los, tanto mais solícitos devemos ser em servi-los. Assim fazia Jesus com os seus Apóstolos, suportando-lhes a ignorância, a rudeza e a pouca fidelidade. Assim fazia com os pecadores, a quem tratava com tanta intimidade e carinho, que uns ficavam estupefatos, outros quase escandalizados, enquanto em muitos outros nascia a esperança de obterem o perdão de Deus. Por isso nos disse que aprendêssemos dEle a ser *mansos e humildes de coração*. Uma vez que são nossos filhos, evitemos toda a ira, quando tenhamos de castigar as suas faltas ou ao menos moderemo-la, de maneira que pareça inteiramente dominada.

Nenhuma agitação no espírito, nenhum desprezo nos olhos, nenhuma injúria nos lábios. Mas mostremo-nos compassivos no momento da falta e cheios de confiança no futuro, e seremos então verdadeiros pais, aproveitando-lhes com a correção que lhe fazemos.

Em casos verdadeiramente graves, é mais proveitoso o recurso a Deus e um ato de humildade diante dEle, do que uma explosão de palavras, pois estas, além de por um lado sé indispossem a quem as ouve, por outro, nenhum efeito produzem em quem as merece ouvir.

Lembremo-nos do nosso Divino Redentor, que perdoou àquela cidade que não quis recebê-lo dentro dos seus muros, não obstante as insinuações de honra ultrajada por parte daqueles dois apóstolos zelosos, que folgariam de vê-la fulminada por um justo castigo.

O Espírito Santo recomenda-nos esta calma com aquelas sublimes palavras de Davi: *Irascimini et nolite peccare* (se vos irardes, não pequeis).

Se virmos que a nossa ação fica muitas vezes frustrada, e que os frutos dos nossos suores não passam de abrolhos e espinhos, crede, então, meus caros filhos, que a culpa se deve atribuir ao nosso defeituoso sistema disciplinar.

Acho desnecessário deter-me a referir-vos aquele caso em que Deus quis dar uma lição mestra ao seu profeta Elias, que tinha um não sei quê de comum com algum de nós, no ardor pela causa de Deus, e no zelo inconsiderado em reprimir o alastrar dos escândalos na casa de Israel. Deixo aos vossos superiores a oportuni-

dade de vo-lo referirem com todos os pormenores, como vem no *Livro dos Reis*. Eu contento-me com sublinhar nele a última frase, que tão bem enquadra ao nosso ver: *Non in commotione Dominus* (3Rs 19,11), e que Santa Teresa traduzia assim: “Nada te perturbe”.

O nosso querido e amável São Francisco de Sales, como sabeis, tinha-se imposto a regra severa de *sua língua não proferir uma só palavra* enquanto tivesse o coração *agitado*. Costumava dizer, de fato: “Receio *perder, num quarto de hora, a pouca doçura que, durante vinte anos, procurei entesourar*, gota a gota, como orvalho, no vaso do meu coração. *Uma abelha* emprega *vários meses* em fabricar um *pouco de mel*, que um *homem engole*, dum trago”.

E, além disso, de que serve falar a quem não quer compreender?

Tendo sido censurado, certa ocasião, por tratar com demasiada doçura um menino que tinha faltado gravemente ao respeito à sua mãe, respondeu: “Este menino não estava em condições de aproveitar as minhas admoestações, porque a sua má disposição interior o impedia de raciocinar; uma correção áspera, inútil para ele, só me prejudicaria a mim, expondo-me a fazer como aqueles que se afogam, querendo salvar os outros”.

Estas palavras do nosso admirável Patrono, manso e sábio educador de corações, quis sublinhá-las para melhor chamarem a vossa atenção e mais facilmente as recordardes.

Em certos casos, poderá ser útil discorrer com outra pessoa, na presença do culpado, sobre a infelicidade daqueles que, ofendendo a razão e a honra, pouco se lhes dá de serem castigados; ou retirar-lhes os sinais ordinários de confiança e amizade. Mas logo que se veja que o culpado necessita de consolação, importa mudar logo de atitude. Graças a Deus, fui muitas vezes bem-sucedido com este simples artifício.

Não expor *ninguém* a ser *envergonhado publicamente*, a não ser no caso de remédios extremos.

Às vezes será conveniente recorrer a um *terceiro benquista do culpado*, que avise e lhe diga o que vós quereíeis, mas não vos acheis em condições de lhe dizer. Tal pessoa, com quem o aluno pode desabafar as suas penas e abrir o coração mais à vontade do que diante de vós, receando não ser atendido ou, pensando, no seu orgulho, que não é obrigado a submeter-se, tal pessoa ajudá-lo-á a vencer o acanhamento e dispô-lo-á a vir ter convosco.

Sejam estes meios como que os discípulos que Jesus costumava mandar à sua frente, para lhe prepararem o caminho.

Procuramos fazer ver que só pedimos uma *sujeição razoável e necessária*.

Esforcemo-nos por que o culpado se condene por si próprio, nada mais restando ao educador que mitigar a pena que aquele se impusera.

Uma última recomendação, ainda sobre este assunto tão importante. Rendido este caráter inflexível, peço-vos que não só lhe deixeis a esperança do vosso *perdão*, mas também a confiança na possibilidade de apagar com um bom procedimento a nódoa contraída com as suas faltas.

Procurai deixar ao culpado a esperança do perdão

Há que desfazer a angústia e o temor, motivados pelos castigos, e dirigir uma palavra de conforto. Esquecer e fazer esquecer os dias tristes em que se errou, é suprema arte de bom educador.

Não lemos que o *bom Jesus* tenha recordado a *Madalena* os desvarios: e foi com suma e paternal delicadeza que levou São Pedro a confessar e expiar a sua fraqueza. Semelhantemente, a *criança* quer ter a certeza de que os seus superiores depositam fundada esperança na sua emenda: e sentir a alegria de novamente ser conduzida pela sua mão carinhosa, através do caminho da virtude. Conseguirá mais um olhar de bondade, uma palavra animadora, que lhe encha o coração de confiança, do que muitas repreensões cujo resultado é comprimir e contrariar a sua expansibilidade. Este sistema tem operado verdadeiras transformações que, sem ele, seriam absolutamente impossíveis.

Seis de alguns dos meus filhos mais diletos, como eles próprios abertamente confessaram, que foram deste modo atraídos para a nossa Congregação e, portanto, para Deus.

Não há nenhum rapaz que não tenha os seus dias críticos como também vós os tivestes. Bem doloroso seria se não procurássemos abreviar tais dias e ajudar a passá-los o melhor possível.

Às vezes, só o dar-lhes a perceber que não atribuímos malícia aos seus atos, é quanto basta para impedir novas quedas.

E se não culpados, desejam que se lhes dê a entender que se não consideram como tais.

Felizes de nós, se soubermos aproveitar de meio tão eficaz para levantar esses corações atribulados.

Podeis crer, meus caros filhos, que este processo, aparentemente tão mezinho e tão pouco promissor, tornará mais eficaz o vosso ministério, como atrair ao bom caminho certos corações que eram e seriam, talvez para sempre, considerados incapazes de se corrigirem.

Quais castigos devem ser aplicados e por quem

Mas não se poderá nunca lançar mão de *castigos*?

Bem sei, queridos filhos, que o próprio Senhor se comparou a uma “vara vigilante” (*virga vigilans*), para nos afastar do pecado, mesmo pelo temor das penas. Por isso, também nós podemos e devemos adotar sóbria e sabiamente a conduta que Deus quis inculcar-nos com tão significativa imagem. Usemos, pois, essa “vara”, mas com *inteligência e caridade*.

Tenhamos presente que se a força pune o vício, não cura o vicioso. Assim como não se cultiva uma planta tratando-a com aspereza e violência, assim não é possível educar a vontade sobrecarregando-a com um jugo pesado demais.

Eis alguns castigos que desejaria fossem os *únicos* a ser usados entre nós.

Um dos meios mais eficazes de repreensão moral é o *olhar descontente, severo e triste* do superior, que faz sentir ao culpado, por mais duro que seja, o infeliz estado em que se encontra, e pode levá-lo ao arrependimento e à emenda.

Correção privada e paternal: em vez de nos desentranharmos em recriminações, façamos-lhe sentir o desgosto que dá aos pais e a recompensa que o espera, no caso de emenda. Tempo virá em que se há de mostrar reconhecido e até generoso.

Se recair, redobremos de caridade. Passaremos, então, a advertências mais sérias e resolutas. Poderemos, dessa forma, com justiça, fazer-lhe ver a diferença entre a nossa atitude para com ele e o modo como corresponde a tanta condescendência, a tanta solicitude para o salvá-lo da desonra e do castigo.

Sejam, porém, banidas as *expressões humilhantes*, dando-lhe, ao invés, a entender que esperamos muito dele e certificando-o de que estamos prontos a esquecer tudo, uma vez que se decida a portar-se melhor.⁵

⁵ Alguns castigos considerados graves, só se permitem em casos em que a falta é também de evidente gravidade. Mas ainda nesses casos impõe Dom Bosco certas reservas.

Um grave castigo é, por exemplo, a *privação do recreio*.

Mas nunca se exponha ninguém ao rigor do sol ou das intempéries de modo a resultar daí algum dano para a saúde.

Grave pode ser também o castigo que consiste em *deixar de interrogar um aluno*, nas aulas, durante *um dia*, mas sem se prolongar por mais tempo.

Não faltarão outros meios de levar o aluno a dar satisfação pela sua falta.

Que dizer-vos acerca da *cópia de temas corrigidos (pensum)*? Tal gênero de castigo não deixa de ser, infelizmente, bastante comum.

Procurei informar-me sobre o que a tal propósito pensam os mais célebres educadores. Se uns *aprovam*, outros o censuram como coisa inútil e perigosa, tanto para o professor como para o aluno. É esse um ponto que deixo ao vosso critério, advertindo-vos, porém, que no uso de tal castigo, o professor tende a cair em *excessos, sem que haja resultados positivos*, e o aluno toma daí ocasião para murmurar e se arvorar em vítima, digna de ser compadecida, mercê da aparente perseguição por parte do professor. Castigos como esses não reabilitam ninguém e são sempre penosos e mortificantes.

Sei que um dos nossos confrades costumava adotar com fruto este meio: o estudo de um trecho de poesia sacra ou profana. Por esse meio útil obtinha o objetivo de maior atenção e algum proveito intelectual. Era o caso de dizer que *omnia cooperantur in bonum* (todas as coisas concorrem para o bem) para os que procuram Deus, sua glória e a salvação das almas. Esse vosso irmão convertia utilizando esse meio; julgo tal coisa uma bênção de Deus, e caso mais único que raro. E o conseguia porque se demonstrava cheio de bondade.

Uma coisa de forma alguma se pode admitir é o chamado *quarto de isolamento* ou *de reflexão*. O vexame e a raiva que tal punição provoca no aluno, fazem-no sofrer profundamente. O demônio sabe tirar daqui motivo para lhe lançar violentamente as garras, e arrastá-lo às maiores loucuras, como para se vingar do autor de tal castigo.

Nos castigos, até agora mencionados, tivemos unicamente em vista as *faltas contra a disciplina colegial*. Nos casos dolorosos em que algum aluno fosse causa de grave escândalo, seja imediatamente conduzido ao superior que, segundo a sua prudência, adotará as medidas que lhe parecem mais eficazes e oportunas. Mas se alguém se mostrar surdo a esses sábios meios medicinais, e continuar a dar maus exemplos e escândalo, deve ser *expulso*, sem remissão, tendo, porém, o cuidado de, tanto quanto possível, salvar a sua honra.

Isto conseguir-se-á, aconselhando o aluno a pedir ele mesmo aos pais que o retirem, ou aconselhando diretamente os pais a mudarem-no para outro colégio, na esperança de que o filho tenha aí melhor comportamento. Um ato de caridade, como este, costuma dar sempre bom resultado e deixa, mesmo em circunstâncias penosas, uma boa impressão tanto nos pais como nos filhos.

Resta-me dizer-vos ainda a quem compete determinar a natureza, o tempo e a modalidade do castigo.

Compete sempre ao *diretor*, mas de maneira que passe despercebido. Está dentro do seu papel a correção privada, visto que ele, mais facilmente do que ninguém, pode penetrar em certos corações menos sensíveis. Dentro do seu papel está ainda a correção comum e pública; como também lhe compete aplicação do castigo, sem que todavia deva ele executá-la ou intimá-la ordinariamente. Desejaria, portanto, que ninguém se julgasse autorizado a castigar sem prévio conselho ou aprovação do diretor, o único, repito, a quem pertence determinar o tempo, o modo e a natureza do castigo.

Ninguém se afaste dessa autorizada dependência, nem tampouco se procurem pretextos para iludir o seu controle. Não se venha com desculpas para fugir a esta regra, que é da máxima importância. Sede, pois, fiéis a esta recomendação, e Deus vos abençoará e consolará, em atenção à vossa docilidade.

Nunca vos esqueçais que a obra educativa se dirige particularmente ao coração, sobre o qual nenhum poder teremos, se Deus não for o nosso Mestre e não puser ao nosso dispor as chaves de acesso. Procuremos, pois, de todos os modos, incluindo a inteira dependência a que acabo de aludir, assenhorear-nos dessa cidadela cujas portas jamais se abrem à força de rigor.

Tornemo-nos amáveis, insinuemos o sentimento do dever e do santo temor de Deus, e veremos, como por encanto, franquearem-se as portas de tantos corações, unindo-se a nós para cantar os louvores e as bênçãos daquele que quis tornar-se nosso Modelo, nossa Vida, nosso Exemplo, em tudo, mas especialmente na educação da juventude.

Rezai por mim e crede-me sempre no Sagrado Coração de Jesus.

29 de janeiro de 1883.

Vosso muito dedicado Pai e Amigo

Pc. João Bosco